

Thomas Mann

Doutor Fausto

A vida do compositor alemão Adrian Leverkühn
narrada por um amigo

Tradução
Herbert Caro

Posfácio
Jorge de Almeida



Copyright © 1947 by S. Fischer Verlag GmbH,
Frankfurt am Main
Copyright do posfácio © 2015 by Jorge de Almeida

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original

Doktor Faustus: Das Leben des deutschen
Tonsetzers Adrian Leverkühn, erzählt von
einem Freunde

O texto desta edição foi estabelecido a partir
da *Große kommentierte Frankfurter Ausgabe*,
publicada pela S. Fischer Verlag em 2007 (vol. 10.1)

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Crédito da foto

Thomas Mann nos Estados Unidos em 1947.

dpa/Corbis/ Latinstock

Preparação

MARIANA DELFINI

Revisão

JANE PESSOA

ANGELA DAS NEVES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

Doutor Fausto : a vida do compositor alemão Adrian
Leverkühn narrada por um amigo / Thomas Mann;
tradução Herbert Caro ; posfácio Jorge de Almeida.—
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: Doktor Faustus : Das Leben
des deutschen Tonsetzers Adrian Leverkühn, erzählt von
einem Freunde.

ISBN 978-85-359-2648-4

i. Ficção alemã i. Almeida, Jorge de. II. Título.

15-08062

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura alemã 833

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Doutor Fausto 9

Nota à edição alemã 593

Posfácio —

Dialética humanista em tempos sombrios
Jorge de Almeida 597

Cronologia 613

Sugestões de leitura 617

Faço questão de assegurar com toda clareza que absolutamente não tenho a intenção de colocar minha pessoa num lugar de destaque, ao escrever algumas palavras acerca de mim mesmo e de minhas próprias atividades, antes de iniciar o relato da vida do finado Adrian Leverkühn, a primeira e certamente muito provisória biografia do saudoso homem e genial músico, que o destino tão terrivelmente assolou, engrandecendo-o e derribando-o. O que me induz a isso é a suposição de que o leitor — ou melhor, o futuro leitor, pois no momento ainda não existe a menor probabilidade de minha obra chegar a ser publicada (a não ser que, por algum milagre, ela consiga sair da nossa assediada fortaleza Europa e transmitir aos de fora um sopro dos segredos de nossa solidão) — me permita retomar o fio: somente a suposição de que se possa desejar uma informação perfunctória sobre o autor e sua situação me leva a redigir como introdução umas poucas linhas sobre o indivíduo que sou — se bem que, na verdade, eu receie suscitar, precisamente com isso, dúvidas no espírito do leitor, que não sabe se está ou não em boas mãos, quer dizer, se eu, em virtude de toda a minha condição de vida, sou o homem indicado para uma tarefa à qual talvez me atraiam os impulsos de meu coração mais do que qualquer afinidade justificadora.

Releio as linhas precedentes e não posso deixar de verificar nelas certa intranquilidade e alguma opressão, por demais características do estado de ânimo no qual me encontro hoje, a 27 de maio de 1943, dois anos após a morte de Leverkühn; quer dizer: dois anos depois de ele ter saído de trevas profundas para entrar na noite total, instalo-me no meu pequeno gabinete de estudos em Freising, à margem do Isar, peça da qual há muitos anos sirvo-me para meus trabalhos, e me ponho a dar

início à descrição da vida de meu infeliz amigo que descansa na paz de Deus—oh, que assim seja!—na paz de Deus; características, digo, de um estado de ânimo no qual se mesclam de modo sumamente angustioso a palpítante necessidade de comunicação e o mais intrínseco temor da falta de aptidão. Sou um homem perfeitamente moderado e—creio poder dizer—são, de temperamento humano, tendente à harmonia e ao raciocínio, um erudito e *conjuratus* da “Legião latina”, não desprovido de relações às artes (toco *viola d’amore*); mas, filho das Musas no sentido acadêmico do termo, gosto de me considerar descendente dos humanistas alemães da época das *Epistolae obscurorum virorum*, dos Reuchlin, Crotus de Dornheim, Mutianus e Eoban Hesse. Embora não me atreva a negar a influência do demoníaco sobre a vida do homem, reputei-o sempre inteiramente alheio à minha natureza, eliminei-o instintivamente da minha concepção do mundo e jamais senti a menor inclinação de pactuar ousadamente com as forças infernais ou sequer de, jactanciosamente, chamá-las à minha presença; quando, de modo sedutor, espontaneamente se aproximavam de mim, nem lhes estendi o mindinho. Devido a tal atitude moral, enfrentei sacrifícios, tanto ideais como relacionados a meu bem-estar material, quando, sem nenhuma hesitação, renunciei antes do tempo à minha querida profissão de docente no momento em que se evidenciava que ela não se podia conciliar com o espírito e as exigências de nossas evoluções históricas. Sob esse aspecto, estou satisfeito comigo mesmo. Mas essa firmeza ou, se assim o querem formular, essa limitação da minha personalidade moral apenas intensifica as dúvidas que abrigo com respeito à minha idoneidade para a incumbência assim assumida.

Mal e mal eu acabava de pôr a pena em movimento, quando lhe escapou uma palavra que logo causou no meu íntimo um quê de embaraço. Refiro-me à palavra “genial”, ao tratar do gênio musical de meu finado amigo. Ora, o termo “gênio”, por excepcional que seja, tem certamente som e caráter nobres, harmoniosos, humanamente sadios, e pessoas como eu, posto que privadas do direito de participarem com seu próprio ser de tão sublimes regiões e jamais agraciadas através de *divinis influxibus ex alto*, não deveriam ter motivo plausível para aborrecer essa palavra e bem poderiam falar ou tratar dela com alegre devoção e reverente confidênciа. Assim parece. E todavia não se pode negar e nunca se negou que o elemento demoníaco, irracional, ocupa uma parcela inquietante dessa esfera luminosa, que entre ela e o reino dos ínferos há uma ligação a despertar um leve horror e que, precisamente

por isso, os epítetos positivos com os quais tentei qualificá-la, tais como “nobre”, “humanamente sadio” e “harmonioso”, não querem se adaptar inteiramente a ela, mesmo que — defino essa diferença com uma espécie de decisão dolorosa — mesmo que se trate de uma genialidade pura, autêntica, dada ou talvez infligida por Deus, e não de uma congênere adquirida, ruinosa, da consumpção pecaminosa, doentia de dons naturais, do cumprimento de um atroz contrato de compra e venda...

Neste ponto interrompo-me com a humilhante sensação de ter cometido um erro artístico e de não haver logrado refrear-me. Dificilmente o próprio Adrian teria admitido a aparição prematura de um tema desse gênero, digamos, numa das suas sinfonias; quando muito, teria feito com que ele se anunciasse de longe, de um modo delicadamente oculto, apenas perceptível. O que se me escapou deve, aliás, parecer ao leitor uma insinuação obscura, questionável, uma indiscrição, uma irrupção grosseira na intimidade alheia. Para um homem como eu, é muito penoso e quase representa frivolidade assumir a posição de um artista criador em face de um assunto que lhe é visceralmente caro e, assim como este, preocupa-o ininterruptamente; e torna-se árduo para mim manejar um argumento desses com a fácil compostura de um artífice. Eis o motivo por que me precipitei em estabelecer a diferença entre genialidade pura e impura, diferença cuja existência reconheço, somente para perguntar-me em seguida se ela é realmente *genuína*. Na verdade, a experiência obrigou-me a refletir tão intensa, tão insistentemente sobre esse problema, que de vez em quando tive a impressão assustadora de que desse modo algo me impelisse para fora do plano ingênuo, salutar de meus pensamentos e causasse a mim mesmo uma exaltação “escusa” de meus dons naturais...

Novamente me interrompo ao recordar que, quando cheguei a falar do gênio e de sua índole *em todo caso* influenciada pelos demônios, o fiz somente para ilustrar as dúvidas que nutro quanto à minha afinidade, que é indispensável para que eu seja capaz de cumprir tal tarefa. Permita-se, pois, que eu diga tudo o que se pode alegar para combater os escrúpulos de minha consciência. Foi-me concedido passar longos anos de vida na convivência familiar com um homem genial, herói destas páginas, conhecendo-o desde a infância, sendo testemunha de sua evolução e seu destino, além de participar de sua produção num modesto papel de ajudante. É de minha autoria o libreto baseado na comédia *Trabalhos de amor perdidos*, de Shakespeare, o que serviu para a brejeira obra juvenil de Leverkühn, e também pude influir sobre a preparação da grotesca

suíte operística *Gesta romanorum* e do oratório da *Revelação de São João, o Teólogo*. Esse é um dos argumentos, ou talvez já haja vários. Mas menciono ainda que possuo documentos, apontamentos de inestimável valor, que o finado legou a mim e a nenhum outro por testamento quando ainda gozava de boa saúde, ou — se não for lícito afirmar isso — de uma saúde relativamente e *legaliter* boa. Neles hei de me alicerçar na minha narrativa e até tenciono incluir nela literalmente alguns trechos, após uma seleção conveniente. Porém, em última análise, ou melhor, em primeira — e esta justificativa sempre tem sido a mais válida, se não perante os homens, certamente perante Deus —, eu o amei, com horror, ternura, compadecimento e devota admiração, sem perguntar-me sequer se ele, por pouco que fosse, correspondia aos meus sentimentos.

Não, não o fez. No papel em que me transmitiu os esboços de composições e as páginas do diário, encontrados no espólio, expressa-se uma confiança cordialmente objetiva, quase que me sinto induzido a dizer: condescendente, sem dúvida honrosa para mim, confiança na minha escrupulosidade, lealdade e correção. Mas, amar-me? A quem teria amado esse homem? Talvez, em tempos idos, a uma mulher. Pelo fim, possivelmente a uma criança. A um jovem leviano, capaz de conquistar a simpatia de qualquer um, homem de todas as horas, que ele depois despachou — provavelmente por ter se afeiçoado a ele —, e logo à morte. A quem Adrian teria aberto o coração? A quem teria jamais acolhido em sua vida? Tais atitudes não existiam para ele. Aceitava a dedicação de outrem, às vezes, juro, sem percebê-la. Sua indiferença era tão grande que apenas raras vezes se dava conta da companhia em que estava e do que se passava a seu redor, e o fato de ele quase nunca ter chamado pelo nome a nenhum dos seus interlocutores me faz supor que ele o ignorava, ao passo que estes tinham boas razões para imaginar o contrário. Inclino-me a comparar sua solidão com um abismo, no qual se aprofundavam, sem ruído nem rastro, os sentimentos que os outros lhe ofereciam. Em torno dele reinava *frieza* — e que sensação me invade ao usar essa palavra, da qual também ele se serviu outrora numa ocasião monstruosa! A vida e a experiência podem conferir a determinados vocábulos um acento completamente estranho a seu sentido comum, que lhes confere um nimbo de pavor incompreensível para todos os que não os tenham conhecido no seu significado mais horroroso.

II.

Meu nome é Serenus Zeitblom, doutor em filosofia. Sou o primeiro a criticar o curioso atraso da apresentação de meu cartão de visita; mas, do modo como andam as coisas, ocorreu que o fio literário de meu relato até este instante nunca me permitisse mostrá-lo. Tenho sessenta anos, pois que nasci no anno Domini de 1883, o mais velho de quatro irmãos, em Kaisersaschern, no rio Saale, distrito de Merseburgo, na mesma cidade na qual também Leverkühn passou todo o período de seus estudos escolares; motivo por que posso adiar sua descrição mais detalhada até o momento em que me couber tratar dessa época. Uma vez que, de resto, o decurso de minha vida particular frequentemente se entrelaça com o do mestre, será oportuno narrar ambos em conjunto, para não incorrer no erro de uma antecipação inadequada, para a qual já normalmente sempre tenderá quem tiver o coração prestes a desbordar.

Por ora, seja comunicado apenas que vim ao mundo no ambiente não muito elevado de uma classe média semiculta. Pois meu pai, Woggemut Zeitblom, era farmacêutico — por sinal o mais importante da praça. Existia, aliás, em Kaisersaschern ainda outra loja de produtos medicinais, mas jamais desfrutou daquela confiança geral que o público tributava à farmácia Aos Beatos Apóstolos do sr. Zeitblom, e sempre teve dificuldade em competir com ela. Nossa família fazia parte da pequena comunidade católica da cidade, cuja população, na sua maioria, era naturalmente de confissão luterana. Minha mãe, sobretudo, era uma piedosa filha da Igreja e observava estritamente seus deveres religiosos, ao passo que meu pai, talvez por falta de tempo, mostrava-se mais relaxado nesse particular, sem no entanto renegar em absoluto a solidariedade com o grupo de seus correligionários; solidariedade essa que não

deixava de ter alguma significância política. É digno de menção que, ao lado do nosso pároco, o reverendo conselheiro Zwilling, também o rabino da cidade, o dr. Carlebach, frequentava o nosso lar situado acima do laboratório e da farmácia, e isso dificilmente teria acontecido em casas protestantes. De ambos os clérigos, o representante da Igreja romana era o mais bem-apessoado. Mas, segundo a minha impressão, que continua viva em mim e talvez se baseie em boa parte na opinião de meu pai, o talmudista baixinho, barbudo, com o solidéu na cabeça, superava de longe o colega do outro credo quanto à erudição e à argúcia religiosa. Pode ser algum efeito dessa experiência colhida na minha juventude, ou ter sua origem na simpatia com que círculos judaicos encaravam a obra de Leverkühn, o fato é que precisamente com relação à questão judia e ao modo como esta foi solucionada nunca pude inteiramente concordar com o nosso Führer e seus paladinos, o que não deixou de influir sobre minha renúncia ao magistério. É bem verdade que houve também, entre os que cruzaram meus caminhos, exemplares dessa estirpe — basta que relembre o livre-docente Breisacher, de Munique — cuja índole desconcertantemente antipática me proponho iluminar em hora mais oportuna.

No que tange a minhas origens católicas, é natural que elas tenham plasmado e influenciado minha personalidade íntima, sem que, todavia, jamais resultasse dessa matização de minha vida qualquer conflito com minha concepção humanística do mundo ou com meu amor às “melhores artes e ciências”, como se dizia em outros tempos. Entre esses dois elementos de minha pessoa reinou sempre total harmonia, tal como, sem dúvida alguma, pode ser mantida com facilidade por quem se haja criado no clima tradicional de uma cidade antiga, cujos monumentos e reminiscências recuam muito longe adentro de eras pré-cismáticas, quando existia um mundo de unidade cristã. Kaisersaschern encontra-se, na verdade, bem no centro da região onde se originou a Reforma, no coração da terra de Lutero, circunscrita pelos nomes das cidades de Eisleben, Wittenberg, Quedlinburg, como também de Grimma, Wolfenbüttel e Eisenach — o que é, por sua vez, elucidativo com relação à vida íntima do luterano Leverkühn e explica seus primeiros estudos, que se dedicavam à teologia. Mas eu gostaria de comparar a Reforma com uma ponte que conduz não só de períodos escolásticos até o nosso mundo do livre pensamento, mas também, em direção oposta, adentro da Idade Média — talvez ainda mais além, sob a forma de uma transmissão cristã-católica, preservada do cisma, de um alegre amor à

cultura. Por minha parte, sinto-me realmente à vontade naquela esfera áurea na qual se dava à Santíssima Virgem o nome de *Jovis alma parens*.

Para continuar registrando os fatos mais indispensáveis de minha vida, anoto que meus pais me permitiram frequentar o nosso ginásio, a mesma escola na qual, duas classes mais atrás, Adrian recebeu seus ensinamentos, e que, fundada na segunda metade do século xv, tinha ainda há pouco a denominação de Escola dos Irmãos da Vida Comum, nome esse que apenas abandonou devido a certo embaraço causado por seu som ultrapassado, levemente cômico para espíritos modernos; substituindo-o pelo da igreja vizinha, passou a se chamar Ginásio São Bonifácio. Quando saí dele em princípios do nosso século, consagrei-me sem hesitação aos estudos das línguas clássicas, nas quais como aluno já me distinguiu até certo ponto. Dediquei-me a elas nas universidades de Giessen, Jena, Leipzig e, de 1904 a 1906, na de Halle, na mesma época — e não por acaso — em que também Leverkühn estudava ali.

Neste ponto, como em muitas outras ocasiões, não posso deixar de me regalar, de passagem, com o nexo intrínseco e quase misterioso entre o interesse pela filologia antiga e uma propensão carinhosamente animada pela beleza e pela dignidade racional do homem — esse nexo que já se manifesta no fato de qualificarmos de *humaniora* o orbe dos estudos das línguas antigas, mas também porque a coordenação espiritual entre a paixão pelas línguas e o amor às humanidades é coroada pela ideia da educação, sendo quase óbvio que a missão de formar a juventude resulte da vocação para a filologia. Quem se devotar às realidades das ciências naturais pode muito bem ser um professor, mas nunca um educador no senso e na medida de um cultivador das *bonae litterae*. Nem sequer aquele outro idioma, mais íntimo talvez, mas prodigiosamente inarticulado, o idioma dos sons (se é que se pode designar assim a música), parece-me fazer parte da esfera pedagógica e humanística, ainda que eu absolutamente não ignore que ele desempenhou um papel oportuno na educação grega e, de um modo geral, na vida pública da pólis. Muito ao contrário, tenho a impressão de que a música, sem embargo todo o rigor lógico-moral que tente arvorar, pertence a um mundo místico, cuja fidelidade incondicional em matéria da razão e do valor humano eu não gostaria propriamente de garantir. Que, apesar disso, eu sinta sincera afeição a ela faz parte daquelas contradições que — lamentemo-las ou tiremos satisfação delas — são inseparáveis da natureza humana.

Mas tudo isso fica à margem do nosso assunto. Ou talvez nem tanto, já que a questão de saber se é possível traçar uma divisa clara, segura,

entre o mundo nobremente pedagógico do espírito e aquele outro mundo dos espíritos, do qual só com perigo nos avizinhamos, faz decididamente, por demais decididamente, parte do meu tema. Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro, do mais dignificantemente generoso, ficará totalmente inacessível ao influxo de forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar: qual deles não necessitará nunca do contato fecundador com elas? Esse pensamento, que pode ser ventilado com propriedade inclusive por quem, por natureza, permaneça inteiramente distante de tudo quanto for demoníaco, restou-me de certos momentos de minha viagem de estudos — quase um ano e meio! — à Itália e à Grécia, viagem essa que meus bondosos pais me permitiram fazer, após ter sido aprovado nos exames estaduais: quando do alto da Acrópole dirigia o olhar à Via Sacra, pela qual avançavam os mistas ornados com a testeira de açafrão, o nome de Iaco nos lábios, e em seguida, quando me achava no próprio lugar da iniciação, na zona do Eubuleu, à beira da fenda plutônica, sobranceada de rochedos. Eis que pude intuir a plenitude da vitalidade que se expressa no enlevo iniciador da grecidade olímpica perante as divindades do abismo, e mais tarde, falando da cátedra de meu colégio, amiúde expliquei aos alunos do último ano que a cultura consiste essencialmente na incorporação piedosa, ordenadora — quase que se poderia dizer: propiciatória — dos monstros da noite no culto dos deuses.

Ao regressar dessa jornada, o moço de vinte e cinco anos encontrou um emprego no ginásio de sua cidade natal, no qual começara sua formação científica. Ali ministrei durante algum tempo em graus modestos aulas de latim, grego e também história, antes de ingressar, no décimo segundo ano do século, no magistério bávaro, como professor do ginásio de Freising e também docente da Escola Superior de Teologia, ensinando as referidas matérias por mais de dois decênios numa atividade que me satisfazia.

Bastante cedo, logo após a minha nomeação em Kaisersaschern, casei-me. A necessidade de ordem e o desejo de um enquadramento moral na vida humana levaram-me a esse passo. Helene, em solteira Ölafen, minha excelente consorte, que ainda hoje vela o declínio de meus anos, era filha de um velho colega de faculdade e cátedra que exercia suas funções em Zwickau, no reino da Saxônia, e sem medo de correr o risco de fazer o leitor sorrir, quero confessar que o prenome da alegre donzela, o caro nome de Helene, não foi o menor dos motivos que determinavam minha escolha. Semelhante nome significa uma

consagração, a cujo encanto puro não se nega a eficácia, mesmo que a aparência da portadora corresponda às altas pretensões dele apenas no grau modesto dos padrões da burguesia, e também isso só transitoriamente, devido à rápida marcha dos encantos juvenis. Nossa filha, que há muito desposou um homem de valor, gerente da filial de Regensburg do Banco Bávaro de Crédito Real, recebeu igualmente o nome de Helene. Além dela, minha querida esposa deu-me ainda dois filhos, de modo que participei, na medida concedida aos homens, posto que dentro de limites prosaicos, das alegrias e das preocupações acarretadas pela paternidade. Devo admitir que em nenhum momento houve em meus rebentos o menor fascínio. Com uma beleza infantil tal como a do pequeno Nepomuk Schneidewein, sobrinho de Adrian e seu ídolo tardio, eles não podiam competir. Eu mesmo seria o último a afirmar o contrário. Ambos os meus filhos servem hoje — um deles num cargo civil e o outro nas Forças Armadas — ao seu Führer, e como o meu desnorteado distanciamento dos ditados patrióticos criou em torno de mim uma espécie de vazio, a relação desses jovens para com a tranquila casa de seus pais somente pode ser qualificada de frouxa.